

COIMBRA

Castanhas e outros sabores em magusto animado na Rua Direita



Magusto da Rua Direita ajuda a promover a Baixa de Coimbra

BAIXA O carvão está no braseiro, as castanhas estão cortadas, só falta mesmo acender as brasas e deliciar-se com as castanhas que a simpática Helena assa em plena Rua Direita. «Tenho até às 23h00 para acender isto», dizia, em jeito de brincadeira, enquanto animava a rua a cantar.

Na Tasca do Toino, dinamizada pelo Centro Comunitário de Inserção da Cáritas Diocesana

de Coimbra - os cartuchos de castanha já estão preparados e as amigas Margarida e Isabel são das primeiras clientes da tarde. Para acompanhar, claro está, um copo de jeropiga para cada uma.

Do lado de lá do balcão da Tasca do Toino, Sandra Varela e Inês Santos estão vestidas a rigor, ou não pertencessem elas ao grupo de teatro do Centro Comunitário, que lançou o de-

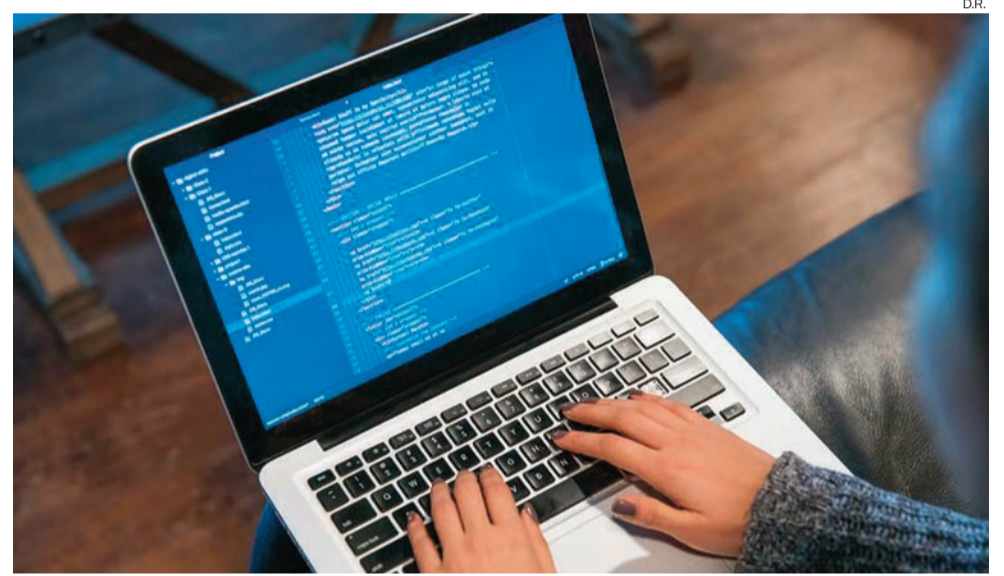
safio para a realização do I Magusto da Rua Direita. Biscoitos de castanhas, arroz doce e um bolo de laranja, «de comer e chorar por mais», faziam também parte das propostas e tentações colocadas à disposição dos visitantes.

Com o apoio da Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra e da União de Freguesias de Coimbra, o I Magusto da Rua Direita envolveu o café "Pet and Tea", que preparou uma ementa de sobremesas e bebidas especiais, mas também os restaurantes "O Sérgio" e "Boteko", que surpreenderam os clientes com menus onde não faltaram as castanhas como ingrediente.

A participar activamente na iniciativa, os utentes do Centro Comunitário de Inserção não faltaram, até porque, além do convívio, um dos objectivos da iniciativa foi a angariação de fundos para continuar a apoiar o público-alvo. P.I.S.

Caloiros foram os menos motivados no ensino à distância

Conferência Desafios da qualidade do ensino superior estiveram em debate, numa organização da ESEnfC, em parceria com a Universidade e o Politécnico de Coimbra



Pandemia mudou hábitos e obrigou estudantes a seguirem as aulas à distância

Aluna de Coimbra teve melhor média do Politécnico de Leiria

ENSINO SUPERIOR Beatriz Santos, de 21 anos, natural de Coimbra, foi distinguida com o Prémio Ensino Magazine por ter «o melhor aproveitamento escolar 2020/21» do Politécnico de Leiria, com a média de 18,73 valores no curso da licenciatura de Tradução e Interpretação Português/ Chinês e Chinês/ Português da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

«Feliz e orgulhosa», a estudante do terceiro ano confessa que «não estava à espera» de receber este reconhecimento sobre o trabalho que tem desenvolvido.

Participante activa das praxes, monitora na instituição de ensino que frequenta como explicadora de português e amiga de sair e conviver com os amigos, Beatriz Santos garante que «tudo é possível» e confessa que o segredo é a «gestão, principalmente a gestão do tempo».

Sem saber que profissão queria seguir, optou por «tentar ter sempre boas notas para poder escolher». A escolha do curso recaiu na «importância que a língua mandarim está a ganhar



Beatriz Santos interessou-se por estudar a língua mandarim

no mundo» e pelas oportunidades da formação, «como ir estudar para fora».

O prémio foi entregue na Sessão Solene de Abertura do Ano Lectivo 2021/22, na presença de família e amigos, na terça-feira, no Teatro José Lúcio. Antes, a mãe de Beatriz Santos assumiu estar «muito orgulhosa» pela conquista da filha.

Sandra Zeferino recordou o dia em que a filha deixou de ser a «criança desprendida das novas tecnologias porque preferia andar a brincar no jardim» e «aluna de notas médias».

«Foi no quinto ano, quando recebeu uma nota negativa e ficou muito envergonhada, porque estava numa turma de alunos muito bons, e disse que nunca mais ia ter uma negativa», conta. E cumpriu. Agora, a aluna de excelentes notas procura sempre conseguir os melhores resultados, fica triste quando tem notas mais baixas, está a concluir a licenciatura e já pensa no futuro mestrado que quer fazer na área.

«Vou continuar a esforçar-me o máximo e dar sempre o meu melhor», conclui. P.C.G.

Patrícia Isabel Silva

A vice-reitora da Universidade Católica, Margarida Mano, elogiou a «capacidade de adaptação brutal» que as instituições de ensino superior revelaram quando tiveram de passar do ensino presencial para o ensino online. Fizeram-no «de uma forma quase de sobrevivência», frisou. No entanto, importa garantir que futuramente o regresso às salas de aula e aos laboratórios prevalecerá sobre o ensino remoto, com a certeza de que «a tecnologia é um complemento absolutamente obrigatório».

Ao intervir numa mesa redonda do 4.º Congresso Internacional Desafios da Qualidade em Instituições de Ensino Superior, que decorreu anteontem, em formato online, a antiga ministra da Educação alertou para a «provável» redução no financiamento público para a educação, com as crescentes necessidades ao nível económico e social, decorrentes da pandemia.

Sobre os desafios para o futuro do ensino superior já definidos, Margarida Mano considera que o factor que mudou foi «a introdução do risco», associada à pandemia e que não deve ser esquecido, num pro-

cesso em que não se pretende que o online se transforme «num novo normal».

Na mesma sessão, Patrícia Moura e Sá, docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) deixou também alguns indicadores que surgiram com alterações no ensino, quando a sala de aula deixou de ser o epicentro do sistema de ensino e aprendizagem. Quando os alunos tiveram de ir para casa, os maiores índices de ansiedade sentiram-se entre os estudantes menos experientes. «Estudantes do 1.º ano estiveram significativamente menos motivados do que os colegas de outros anos», salientou, tendo como base estudos internacionais, que indicam, igualmente, que «estudantes com desempenhos académicos mais elevados esforçaram-se mais do que os colegas com desempenhos mais fracos, mas o ensino online suscitou mais interesse junto destes últimos».

Numa análise aos pontos positivos, os especialistas citados pela docente da FEUC deram conta da possibilidade de os alunos trabalharem de acordo com os seus ritmos e horários, maior liberdade para colocar questões e comunicar com os professores ou a poupança de tempo de

deslocação. Em contraponto, surgiu a falta de motivação e foco, ansiedade, dificuldades com a aprendizagem da matemática, a falta de socialização e dos aspectos sócio-emocionais da aprendizagem.

Numa altura em que ainda se estão a avaliar os impactos dos dois últimos anos lectivos marcados pela pandemia, Patrícia Moura e Sá destacou as preocupações ao nível dos abandonos, com estudantes com necessidades educativas especiais e os riscos de exclusão dos grupos mais vulneráveis.

A conferência de abertura do congresso esteve a cargo de Sérgio Machado dos Santos, reitor honorário da Universidade do Minho, que fez uma viagem pelos diferentes períodos de avaliação do ensino superior, salientando que o ciclo em curso (2017-2023) assenta numa abordagem «mais leve» e simplificação de procedimentos, numa equação de «confiança mútua» entre a A3ES – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior e as instituições ensino superior.

O congresso foi organizado pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, em parceria com a Universidade de Coimbra e o Instituto Politécnico de Coimbra. ◀